



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

12 DE SETEMBRO
ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DO RIO DE
JANEIRO
RIO DE JANEIRO-RJ
DISCURSO POR OCASIÃO DO 145º
ANIVERSÁRIO DA ASSOCIAÇÃO CO-
MERCIAL

Senhor Governador do Estado do Rio de Janeiro,
Chagas Freitas,
Senhores Ministros de Estado,
Senhor Presidente da
Associação Comercial do Rio de Janeiro, da
Confederação das Associações Comerciais do Brasil e da
Federação das Associações Comerciais, Industriais e
Agropastoris do Estado do Rio de Janeiro,
Autoridades,
Minhas Senhoras, meus Senhores:

Permitam-me, Senhoras e Senhores, agradecer as palavras do presidente Rui Barreto, em nome desta casa do empresário brasileiro.

É realmente confortador para o governante saber que pode contar com a ajuda dos homens de negócios de seu país. Especialmente em épocas, como a da atuali-

dade, quando tantas coisas estão mudando em nossa terra, na política, na economia e no campo social.

Felizes somos todos nós, a um só tempo testemunhas e participantes do que a História ha' de registrar como a mais excitante experiência de toda uma geração de brasileiros.

Tenho três coisas a dizer, a propósito da alocução do presidente deste casa.

Primeiro. Continuo firme em meu propósito de fazer deste País uma democracia. O simples enunciado desta frase despretençiosa envolve uma convicção profunda, que se cumprirá na certeza de ver a nossa sociedade organizada em termos duradouros, segundo os princípios universalmente aceitos do pluralismo e das liberdades cívicas.

Por falar com evidente sinceridade, e sem ambições pessoais a realizar, sei que o povo me entende. Sei que acredita na verdade pura que lhe ofereço. Sei que está disposto a seguir comigo pelo caminho — sempre mais difícil, por ser real — que há de nos conduzir à plenitude democrática.

A democracia que a Revolução de 1964 prometeu e eu jurei restaurar é a democracia dos brasileiros e para os brasileiros. Não vamos copiar o modelo de ninguém, embora os haja tão bons pelo mundo.

O meu sonho de democracia está fundado na legitimidade da representação política do povo e nos princípios cristãos e humanos, característicos do modo de ser dos brasileiros.

Queremos partidos autênticos, representativos das muitas correntes em que se divide o pensamento político brasileiro. Mas os desejamos realmente legítimos, comprometidos com as mudanças necessárias, mas repudian-

do as doutrinas estranhas à nossa índole. Partidos voltados para o Brasil de hoje, como meio de construirmos o Brasil de amanhã.

Queremos o voto como expressão da soberania do povo. E, portanto, livre das pressões do poder econômico e isento das desfigurações demográficas.

Queremos a síntese das aspirações nacionais, nas diversidades e nuances próprias de um País tão grande e de população tão variada.

Segundo. Meu Governo mantém, na economia, as prioridades de combater a inflação, equilibrar o balanço de pagamentos e dotar o País de uma estrutura de produção de energia compatível com o nosso desenvolvimento. Para os dias de hoje e os de amanhã.

Coincidentemente, esses três objetivos somente poderão ser alcançados na base de um consciente esforço coletivo. E não serão atingidos se deles nos aproximarmos com reservas mentais ou pensamentos egoísticos.

Com a inflação, temos de reconhecer, perdermos todos. Nem pareça que o empresário sai ganhando, ao reajustar seus preços, para correr à frente da inflação.

Os assalariados são, antes de tudo, chefes de família. Cada aumento do preço de qualquer produto implica, para eles, perda real do seu poder de compra. Quer dizer, de sua capacidade de prover a subsistência e o conforto de sua família.

A ansiedade, a inquietação, a insegurança daí decorrentes geram o clima ideal, por sua vez, para a fermentação de insatisfações. Para a projeção das dificuldades e problemas.

É natural que, em tal situação, haja campo fértil para as reivindicações absurdas e a agitação que as acompanha.

Não é difícil debitar todos os problemas sociais às forças existentes, interessadas em desestabilizar a sociedade ou criar problemas para o Governo e os empresários. Há, contudo que reconhecer as causas e distingui-las dos efeitos.

Aquelas forças seriam impotentes, seu esforço seria vão, se a inflação não lhes desse a credibilidade sentida diariamente, pessoalmente, pela imensa maioria que vive do produto de seu trabalho.

Não quero simplificar e lançar a culpa da inflação sobre um só segmento da sociedade. Admito, honestamente, que a culpa é de todos nós. Do Governo, dos empresários, dos consumidores. Por isso mesmo, nossa vitória contra ela só será obtida através de um esforço abrangente, que mobilize a todos e do qual ninguém deixe de participar.

As questões do balanço de pagamento e da energia estão profunda e diretamente ligadas. Manda a realidade dizer que não há solução instantânea para uma ou para outra. Digo que as estamos resolvendo.

Na próxima semana, Governo e iniciativa privada se comprometerão a fabricar veículos e a produzir o combustível de origem renovável necessário ao primeiro quarto de milhão de automóveis que tráfegarão em todo o mundo, movidos exclusivamente a álcool.

Outro protocolo, com a indústria cimenteira, estabelecerá os mecanismos para a conversão, para uso de carvão mineral, de um setor que representa um sexto de todo o nosso consumo de óleo combustível.

A capacidade dos brasileiros de não se deixarem abater na provação, e de encontrarem soluções adequadas e originais fica assim mais uma vez demonstrada.

Terceiro. Continuo decidido a esforçar-me para garantir a todos os brasileiros uma participação mais justa nos frutos do trabalho de todos.

Essa proposição traduz a vinculação de todo o meu Governo ao ideal de assegurar a cada brasileiro a oportunidade — aliás de seu direito — de beneficiar do progresso que vamos alcançando.

Ao ver o milagre de uma economia desenvolvida, em grandes centros de produção e comércio, pode o observador esquecer-se das enormes parcelas do território nacional, onde milhões de brasileiros mourejam teimosamente, na busca de seu sustento. Outros milhões sofrem de doenças evitáveis ou curáveis. Outros escondem no pudor da nudez, a rudeza da fome e da privação de tudo o que a tantos continua sobrando.

Digo isso para não nos esquecermos, na ilusão dos números frios, que há gente, pessoas humanas, sofrendo muito por este Brasil.

Por isso, o meu Governo está comprometido com os programas nacionais de habitação, de saúde pública e saneamento básico, de educação, de previdência e assistência social, de infra-estrutura urbanas, de transporte de massa, de criação de empregos, de higiene e segurança no trabalho, capazes de assegurar melhores condições de vida a todos os nossos patrícios.

Dentro das realidades orçamentárias nacionais, não faltarão a esses programas as parcelas de recursos — as maiores que pudermos, sem ilusões ou delírios, a eles destinar.

Reafirmo, portanto, o que disse há pouco em Belo Horizonte: só considerarei atingida a independência nacional «quando os investimentos feitos na saúde do homem, na sua educação, na sua casa, no seu bem-estar,

puderem expressar-se com a mesma grandiosidade das cifras referentes ao progresso material, visível e palpável».

É nesse espírito que recebo as palavras ditas nesta casa pelos empresários brasileiros.

Muito obrigado.